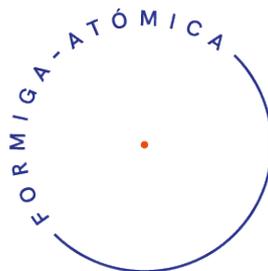




© uva atelier

# A Caminhada dos Elefantes

de Miguel Fragata e Inês Barahona



Vídeo promocional <https://vimeo.com/84329599>  
Vídeo integral <https://vimeo.com/83819303>  
(password: caminhada)



© Susana Paiva

## Sinopse

Este espetáculo conta a história de um homem e de uma manada de elefantes. Quando o homem morre, os elefantes fazem uma caminhada misteriosa a sua casa, para lhe prestar uma última homenagem: não era um homem qualquer, era um deles.

“A Caminhada dos Elefantes” é sobre a existência, a vida e a morte, e o caminho que todos temos de fazer, um dia, para nos despedirmos de alguém.

Um espetáculo que reflete sobre o fim, que é um mistério para todos nós, crianças ou adultos.

“A Caminhada dos Elefantes” foi antecedido por um extenso trabalho de pesquisa junto de cerca de 200 crianças com idades entre os 6 e os 10 anos, através da realização de encontros e oficinas. O material recolhido serviu de inspiração e conteúdo para o espetáculo.

Conceção, Dramaturgia e Encenação  
**Miguel Fragata e Inês Barahona**  
Interpretação  
**Miguel Fragata**  
Cenografia e Figurinos  
**Maria João Castelo**  
Música  
**Fernando Mota**  
Desenho de luz  
**José Álvaro Correia**  
Técnica e Operação  
**Pedro Machado**

Apoio à Dramaturgia na Vertente da Psicologia  
**Madalena Paiva Gomes**  
Apoio à Dramaturgia na Vertente da Pedagogia  
**Elvira Leite**  
Consultoria Artística  
**Giacomo Scalisi, Catarina Requeijo e Isabel Minhós Martins**  
Produção  
**Formiga Atómica**

Co-produção  
**Formiga Atómica, Artemrede-Teatros Associados, Centro Cultural Vila Flor, Maria Matos Teatro Municipal, Teatro Viriato**  
Projeto Financiado por  
**Governo de Portugal, Secretaria de Estado da Cultura, Direção-Geral das Artes**

Público-alvo:  
Todo o público (M/6)  
Duração: aprox. 50 min.  
Lotação máxima: 100 pessoas  
(bancada em palco ou sala estúdio preferencial)



© Paulo Nogueira



© Paulo Nogueira

## Estreia

MOITA · Fórum Cultural José Manuel Figueiredo · 17 de Novembro de 2013 – versão PT

PARIS · Théâtre de la Ville · 26 a 28 de Maio de 2016 (Festival Chantiers d'Europe) – versão FR

## Digressão

SANTARÉM · Teatro Sá da Bandeira · 21 de Novembro de 2013

MONTIJO · Cinema Teatro Joaquim d'Almeida · 23 de Novembro de 2013

ALCANENA · Cine-Teatro S. Pedro · 26 de Novembro de 2013

ALMADA · Teatro Extremo · 3 de Dezembro de 2013

SOBRAL · Cine-Teatro Sobral de Monte Agraço · 8 de Dezembro de 2013

SESIMBRA · Cineteatro Municipal João Mota · 10 de Dezembro de 2013

LISBOA · Teatro Maria Matos · 21 a 26 de Janeiro de 2014

ÍLHAVO · Centro Cultural de Ílhavo · 7 e 8 de Fevereiro de 2014

ESTARREJA · Cine-Teatro de Estarreja · 16 e 17 de Fevereiro de 2014

ALCOBAÇA · Cine-Teatro João d'Oliva · 26 de Fevereiro de 2014

BRAGA · Teatro Circo · 14 a 21 de Março de 2014

GUIMARÃES · Centro Cultural Vila Flor · 22 a 25 de Março de 2014

VISEU · Teatro Viriato · 26 a 29 de Março de 2014

OVAR · Centro de Arte de Ovar · 6 e 7 de Abril de 2014

TORRES NOVAS · Teatro Virgínia · 8 de Maio de 2014

OEIRAS · Auditório Municipal Ruy de Carvalho · 18 de Maio de 2014

LISBOA · Teatro Meridional · 24 e 25 de Maio de 2014 (FIMFA Lx'14)

REDONDO · Centro Cultural de Redondo · 28 de Setembro de 2014

LAGOS · Centro Cultural de Lagos · 24 de Outubro de 2014 (Festival Verão Azul'14)

FARO · Teatro Municipal de Faro · 5 de Novembro de 2014

MONTEMOR-O-NOVO · O Espaço do Tempo · 7 e 8 de Novembro de 2014

ÁGUEDA · Cine-Teatro São Pedro · 5 de Dezembro de 2014

SEVER DO VOUGA · Centro das Artes do Espectáculo · 3 a 5 de Junho de 2015

OLIVEIRA DO BAIRRO · Quartel das Artes Dr. Alípio Sol · 20 de Setembro de 2015

GUIMARÃES · Centro Cultural Vila Flor · 11 e 12 de Outubro de 2015 (reposição)

LOULÉ · Cine-Teatro Louletano · 18 de Outubro de 2015 (I Festival Caótica)

TONDELA · Novo Ciclo Teatro ACERT · 4 de Dezembro de 2015 (FINTA'15)

LISBOA · São Luiz Teatro Municipal · 13 a 24 de Janeiro de 2016

PARIS · Théâtre de la Ville · 26 a 28 de Maio de 2016 (Festival Chantiers d'Europe)

MATOSINHOS · Teatro Municipal Constantino-Nery · 1 de Outubro de 2016

COIMBRA · Convento de São Francisco · 13 e 14 de Novembro de 2016

BESANÇON · Auditorium du Conservatoire · 18 de Janeiro de 2017 (Spectacles en Recommandé de La Ligue de l'Enseignement de Franche-Comté)

ROUEN · L'Étincelle – Salle Louis Jouvét · 3 a 6 de Abril de 2017 (Festival Terres de Paroles)

BRUXELAS · La Montagne Magique · 25 e 26 de Novembro de 2018 (Festival International Paroles au Solstice)

SAINT-VALÉRY-EN-CAUX · Rayon Vert · 5 de Abril de 2018 (Festival Terres de Paroles)

LISBOA · Teatro Maria Matos · 8 a 11 de Novembro de 2018 (reposição)



© Susana Paiva

## Enquadramento do Projecto

“A Caminhada dos Elefantes” é um espetáculo que conta a história de um homem e de uma manada de elefantes. Quando o homem morre, os elefantes fazem uma caminhada misteriosa a sua casa, para lhe prestar uma última homenagem: não era um homem qualquer, era um deles.

Com conceção, dramaturgia e encenação de Inês Barahona e Miguel Fragata, este espetáculo para crianças e famílias aborda o tema da morte. Foi construído procurando contrariar a infantilização e a efabulação deste tema que é difícil e profundo. Neste espetáculo são apresentados conceitos e ideias sobre o assunto, dando espaço para as crianças analisarem, explorarem e compreenderem a morte de uma forma pessoal e íntima.

Na caminhada de criação deste espetáculo, foram realizados vários encontros com crianças, entre os 6 e os 11 anos, que foram a ocasião para descobrir e confrontar as ideias que elas têm sobre a morte e sobre como lidar com ela. Foram também recolhidos testemunhos de adultos de diversas áreas profissionais, que responderam à questão “Como explicaria a morte a uma criança de oito anos?”.

Todo este processo foi acompanhado, do ponto de vista técnico, por Madalena Paiva Gomes, psicoterapeuta psicanalítica de crianças, adolescentes e adultos. A consultora de “A Caminhada dos Elefantes” acrescenta: “o espetáculo pretende ser uma caminhada conjunta para um crescimento pessoal, onde através da partilha se vivem e revisitam experiências emocionais de perda, se constroem ou reinventam novos pensamentos, conceitos, significados e ferramentas para conseguir lidar com esses sentimentos.”

O espetáculo conta ainda com a consultoria de Elvira Leite para a vertente pedagógica, e de Catarina Requeijo, Giacomo Scalisi e Isabel Minhós Martins, para a vertente artística. “A Caminhada dos Elefantes” é um espetáculo sobre a vida e a morte, e o caminho que todos temos de fazer, um dia, para nos despedirmos de alguém. Este é um espetáculo que reflete sobre o fim – um mistério para todos, crianças ou adultos.



© Susana Paiva



© Susana Paiva

## Texto de Apoio

de Miguel Fragata e Inês Barahona

Quisemos criar um espectáculo sobre a morte para crianças e famílias. Não porque tenhamos uma qualquer obsessão mórbida pelo tema, mas antes porque sentimos que era um assunto sobre o qual ninguém queria falar, muito menos com as crianças. A morte é talvez o último grande tabu dos nossos tempos. A ignorância perante a morte é universal. É uma questão que nos deixa a nós, adultos, muito desconfortáveis e inseguros. E essa insegurança é pressentida à distância pelas crianças. Elas também têm questões. Mas têm poucos ou nenhuns interlocutores para conversar sobre o assunto e normalmente compreendem que é um tema proibido.

Depois de um longo trabalho de criação, que passou por ouvir as crianças, receber as suas ideias, perceber quais eram as suas questões, dúvidas, medos, etc., em oficinas realizadas nos diferentes territórios dos coprodutores, chegámos ao espectáculo. Também ouvimos os adultos, a quem pedimos que dessem resposta a apenas uma pergunta: “Como explicaria a morte a uma criança de 8 anos?”. Interessava-nos compreender o que os adultos pensam que as crianças pensam acerca do tema e trabalhar sobre o hiato que existe entre as duas realidades: a das crianças e a dos adultos. Este trabalho foi acompanhado de perto pela psicóloga Madalena Paiva Gomes, que ajudou a balizar a intervenção de um trabalho artístico num campo que é sensível, sem no entanto haver qualquer pretensão terapêutica. Gostamos de projetos transversais. Acreditamos que uma boa proposta artística pode criar o espaço que por vezes não existe para o diálogo. Acreditamos que um bom espectáculo pode ser visto por todos, apesar de construído para um público específico, neste caso crianças dos 7 aos 12 anos. Procuramos com o nosso trabalho chegar a todo o público, com diferentes camadas de leitura que vão ao encontro de interesses e compreensões diversas. Neste espectáculo criámos um jogo de proibição de utilização da palavra “morte” que devolve em espelho aos adultos, o que as crianças lêem do seu comportamento. É uma pequena provocação para os adultos, um jogo eficaz para as crianças.

O resultado a que chegámos é um espectáculo que, seguindo uma história verdadeira – a história do conservacionista sul-africano Lawrence Anthony e da sua relação de amizade com uma manada de elefantes -, abre de vez em quando espaço para refletir sobre as grandes questões em torno da morte: para onde se vai, o que acontece, que rituais fazem os vivos, que crenças acerca da vida depois da morte, ou porque é que a morte existe. Estas reflexões são feitas com recurso a imagens e a objetos que pertencem ao imaginário das crianças e que são manipulados por vezes com humor, mas sempre com a naturalidade que é própria do tema. Porque afinal, como as crianças nos disseram muitas vezes, “a morte faz parte da vida”, mesmo que não se fale sobre isso.



© Susana Paiva

## Texto de Apoio

de Madalena Paiva Gomes

Psicoterapeuta psicanalítica de crianças, adolescentes e adultos, consultora do espetáculo

A sociedade de hoje, de consumo rápido, não tem tempo para pensar na Vida e na Morte. O sentir e o pensar vêm depois do fazer, que retira tempo/espço para pensar a Perda, a Morte, a Tristeza, que são componentes essenciais da Vida.

É através da possibilidade da pessoa – criança ou adulto – se deprimir, que o processo da perda se integra e é levado a bom termo. Isto supõe a não existência de uma culpabilidade excessiva, nem de sentimentos invasivos de vazio sem sentido e de profundo desamparo. Ao contrário do que muitas vezes se pensa, a tristeza e a aceitação e integração da dor decorrente dessa perda, são fundamentais para a elaboração do luto e para a manutenção do objeto perdido no mundo interno do sujeito – criança ou adulto. Perder alguém ou algo implica tristeza, sendo este sentimento uma reação normal e adaptativa. Luto será o processo através do qual essa dor é elaborada, por exemplo, pela co-construção da imagem de que a pessoa que se perdeu, se mantém viva na memória e nos afetos.

Os pais têm muitas vezes dificuldades em abordar com os seus filhos o tema da morte ou perda de um próximo. A linguagem do adulto e a linguagem da criança facilmente se desencontram, tal como aquilo que o adulto imagina que a criança quer ouvir traduz mais elaborações mentais do próprio adulto do que os possíveis estados emocionais da criança. Diante esta situação, porventura, a melhor saída será que o adulto partilhe com a criança os seus próprios pensamentos e sentimentos, em vez de lhe procurar dar “explicações”... E a pior atitude será a do silêncio, que se apoia na convicção (errada) de que se a morte não for muito falada, o impacto emocional desse acontecimento se dissipa mais rapidamente. Sabe-se que isso não é verdade e que, pelo contrário, se torna num verdadeiro obstáculo ao desenrolar de um processo de luto adequado. No entanto, tal silêncio poderá ser, de algum modo, compreensível se pensarmos no embaraço, senão na dificuldade, que os adultos têm em assistir, aceitar e lidar com a tristeza das crianças.



© Susana Paiva

De facto, o trabalho clínico com crianças, adolescentes e adultos mostra-nos que uma parte significativa das perturbações emocionais resultam de experiências de perda mal resolvidas, de lutos mal elaborados. Esta incompletude do processo de luto pode ser reparada por meio de “narrativas” co-construídas, não arbitrárias e ajustadas à especificidade de cada situação individual, contexto familiar, etc.

Este espetáculo procura precisamente criar situações que contribuam para a co-construção das narrativas acima referidas, suscetíveis de dar corpo à vivência da perda (luto) e, ao mesmo tempo, criar ferramentas facilitadoras dos processos de regulação em situações futuras que venham a envolver, de igual modo, a Perda.

“A Caminhada dos Elefantes” pretende ser uma caminhada conjunta para um crescimento pessoal, onde através da partilha se vivem e revisitam experiências emocionais de perda, se constroem ou reinventam novos pensamentos, conceitos, significados e ferramentas para conseguir lidar com esses sentimentos. Será certamente uma caminhada feita de passos importantes na integração destes diversos elementos, dando assim à Memória a importância decisiva que ela tem na relação com as Perdas. Sem dúvida, uma experiência de reflexão conjunta, um desafio muito criativo onde, através da partilha, se valida e dá sentido a cada experiência pessoal e única.



© Susana Paiva

## Biografias

### Miguel Fragata

Nasceu no Porto, em 1983. Estudou no Colégio Alemão do Porto. É licenciado em Teatro pela Escola Superior de Teatro e Cinema. Completou o Bacharelato em Teatro na Escola Superior de Música e das Artes do Espetáculo.

Fundou e dirige com Inês Barahona a Formiga Atómica (FA). Em 2016 concebeu e encenou o espetáculo “Do Bosque para o Mundo” (FA; coprodução São Luiz Teatro Municipal), cuja versão francesa “Au-Delà de la Forêt, le Monde”, foi coproduzida pelo Théâtre de la Ville (Paris) e se encontra neste momento em digressão em França. Nesse ano, concebeu e encenou ainda “A Visita Escocesa” (FA; coprodução TNDMII), “Pedro, Pedra e Grão” (coprodução Teatro Viriato) e “A Grande Demonstração de Xilofagia” (Fundação Calouste Gulbenkian - Programa Descobrir). Em 2015, concebeu e encenou os espetáculos “The Wall” (FA; fase de pesquisa financiada pela DGArtes; coprodução TMM, Teatro Municipal do Porto, Teatro Viriato, Teatro Virgínia, CCVF e Centro de Arte de Ovar) e “O Homem sem Rótulo” (coprodução EGEAC). Em 2013, concebeu, encenou e interpretou o espetáculo “A Caminhada dos Elefantes” (FA; financiado pela DGArtes e coproduzido pelo TMM, Teatro Viriato, CCVF e Artemrede), cuja versão francesa “La Marche des Éléphants” (2016) se encontra em digressão em França e na Bélgica.

Em 2013 dirigiu, com Giacomo Scalisi, a 5ª. edição do projeto “Teatro das Compras”, uma produção da EGEAC no âmbito das Festas de Lisboa. Criou e interpretou vários espetáculos que integraram as edições anteriores do mesmo projeto.

Trabalhou como intérprete em espetáculos de Jorge Andrade (Mala Voadora), Madalena Victorino, Cristina Carvalhal, Jacinto Lucas Pires, Catarina Requeijo, Giacomo Scalisi, Rafaela Santos, Vera Alvelos, Bruno Bravo, Diogo Dória, Claudio Hochmann, Pompeu José, José Rui Martins, José Carretas, Gabriel Villela, Agnès Desfosses, entre outros. Em cinema trabalhou com Pedro Palma e Maria Pinto.

Desenvolve regularmente projetos de relação entre as artes e a educação, através da criação de oficinas artísticas, visitas encenadas e pequenos espetáculos para diversas instituições. Colabora também com a editora Orfeu Negro, através da criação de leituras encenadas.

## **Inês Barahona**

Nasceu em Lisboa, em 1977. Licenciada em Filosofia e Mestre em Estética e Filosofia da Arte pela Faculdade de Letras (Universidade de Lisboa).

Fundou e dirige com Miguel Fragata a Formiga Atómica, sendo co-criadora dos espetáculos “A Caminhada dos Elefantes”, “The Wall”, “A Visita Escocesa” e “Do Bosque para o Mundo”. Encenou os espetáculos “A Verdadeira História do Teatro” (2012) para o Teatro Maria Matos e “A Verdadeira História da Ciência” (2013) e “Direito de Autor” (2014) para a Fundação Calouste Gulbenkian. Trabalhou em diferentes domínios da criação, nomeadamente no texto e dramaturgia, com Madalena Victorino (“Caruma” e “Vale”), Giacomo Scalisi (“Teatro das Compras”), Teatro Regional da Serra de Montemuro (“Sem Sentido”), Catarina Requeijo (assistência de encenação ao espetáculo “Amarelo”, texto de “A Grande Corrida” e “Muita Tralha, Pouca Tralha”) e Circolando.

Sob a direção de Madalena Victorino, integrou o Centro de Pedagogia e Animação do Centro Cultural de Belém, onde desenvolveu, entre 2005 e 2008, projetos de relação entre as artes e a educação para público escolar, familiar e especializado. Em 2008, desenvolveu para a Direção-Geral das Artes, com Madalena Victorino e Rita Batista, “O Livro Escuro e Claro”, cuja distribuição acompanhou, dando formação a equipas e professores. Colaborou ainda neste ano na conceção da exposição “Uma Carta Coreográfica” da autoria de Madalena Victorino, para a Direção-Geral das Artes. Integrou a equipa de Giacomo Scalisi, vertentes de Produção e Relação com a Comunidade, na inauguração do Teatro Municipal de Portimão, entre Outubro e Dezembro de 2008.

Dá formação nas áreas da comunicação e escrita para adultos na Fundação Calouste Gulbenkian, Sou – Movimento e Arte, L2G, Circolando e Artemrede.

## **Maria João Castelo**

Nasceu em 1978. Concluiu o curso de Realização Plástica do Espetáculo na ESTC. Participou na iniciativa da UNESCO: PrumAct International Workshops of Drama Schools – Busteni/Roménia e no Échange Multilateral de Jeunes Européens: Atelier Théâtre, realizado na Maison Jacques Copeau – Pernand Vergelesses/França. Fez workshops de marionetas orientados por José Ramalho, Catarina Pé Curto e Luís Amarelo.

Passou por companhias como o Teatro do Montemuro, o Teatro Meridional, o Teatro Praga, o Teatrão e Comédias do Minho, onde fez cenografia e figurinos em parceria com Ana Limpinho. Trabalhou com Natália Luiza, Luís Gaspar, José Oliveira Barata, Sónia Aragão, Graeme Pulleyn, Abel Neves, Cristina Carvalhal, Leonor Barata, Peter Cann, Thérèse Collins, Miguel Seabra, Madalena Victorino, Steve Johnstone, Frances Land, Nuno Pino Custódio, Gonçalo Amorim, João Pedro Vaz, Agnès Desfosses, Isabelle Kessler, Therese Angebault, Alfredo Brissos, Joana Furtado, Naomi Cooke, Maria João Miguel, Catarina Requeijo, Miguel Sopas e Inês Barahona.

## **José Álvaro Correia**

Nasceu em Lisboa, em 1976. Iniciou o seu percurso teatral em 1993 no projeto “4º Período do Prazer”, orientado por António Fonseca. Concluiu o Bacharelato em luz e som na ESMAE em 1999, e a Licenciatura em Design de luz em 2007. Em 1998, recebeu uma bolsa de mérito do Instituto Politécnico do Porto. Estagiou no Teatro Nacional de Bergen (Noruega) e no Núcleo de Criação Teatral do Porto Capital da Cultura. Desde então tem desenvolvido a sua atividade como desenhador de luz.

Já realizou desenhos de luz para espetáculos encenados por diversos encenadores e coreógrafos portugueses e estrangeiros. Efetuou desenhos de luz para Exposições (10 anos Refer, estação do Rossio), Concertos (Jazz em Agosto da F. C. Gulbenkian, Real Combo Lisbonense), Eventos (Moda Lisboa), Exteriores (Projecto Jardim de Santos), Óperas ("La Douce" de Emmanuel Nunes, Casa da Música) e curtas-metragens ("Preto e Branca" realizado por Saguenail). Orienta desde o ano 2000 workshops e acções de formação na área de iluminação para espetáculos e colabora com a ESMAE e a Escola Profissional Balleteatro. É autor do "Manual Técnico de Iluminação para Espectáculos".

## **Fernando Mota**

Compositor, multi-instrumentista, artista sonoro e aprendiz de inventor de instrumentos musicais experimentais.

Tem criado diversos espetáculos e performances musicais e visuais, tais como "Motofonia" e "Nana Nana" (ambos sob encomenda do CCB – Fábrica das Artes), tendo participado com estes em diversos festivais e programações.

Há cerca de 20 anos que compõe música para teatro, tendo colaborado com diversos encenadores e companhias, das quais destaca o Teatro Meridional, John Mowat, Companhia do Chapitô e Cie Dos à Deux.

"Para Além do Tejo" do Teatro Meridional, para o qual compôs e interpretou ao vivo a música original, recebeu o Prémio Nacional da Crítica 2004 (Associação Portuguesa de Críticos de Teatro) e "Saudade – Terres D'eau" da Cie. Dos à Deux, com banda sonora original sua, recebeu o Prémio de Melhor Espectáculo no Festival de Avignon 2005 (ADAMI – Prémio do Público). Pela música original e espaço sonoro de "Por Detrás dos Montes" do Teatro Meridional, recebeu uma Menção Honrosa (Prémio Nacional da Crítica 2006, promovido pela Associação Portuguesa de Críticos de Teatro), o Prémio de Melhor Música Original dos Prémios de Teatro 2007 do Guia dos Teatros e foi nomeado para o Europe Prize New Theatrical Realities XI, promovido em 2008 pela Comissão Europeia com o alto patrocínio do Parlamento Europeu. Em 2007 recebeu o Prémio Melhor Obra Portuguesa no 8º Concurso Internacional de Composição Eletroacústica (Festival Música Viva).

No cinema de animação tem colaborado com diversos realizadores e produtoras, dos quais salienta a RTP2, Zeppelin Filmes e José Miguel Ribeiro (Sardinha em Lata).

Na área da formação, colaborou com diversas entidades como a ESAD (Escola Superior de Artes e Design), ESTAL (Escola Superior de Tecnologias e Artes de Lisboa), Centro Infantil Helen Keller e CCB, entre outros.



© Susana Paiva

## Necessidades Produção

### Deslocações

Equipa: 3 pax – 1 actor, 1 técnico e operador de luz e 1 produção/operador de som

Proveniência: Lisboa

Número de veículos: 2

### Transporte da cenografia

Portugal Continental: em veículo próprio

Fora de Portugal Continental: por transportadora (Schenker), carga não sobreponível com peso aproximado de 150Kg, transportada em (1) Europaletes com:

1,2m comprimento x 0,8m largura x 2,4m altura (2,3m<sup>3</sup>)

### Rooming

1 quarto single + 1 quarto duplo

### Outras necessidades

Manutenção de figurinos (2 camisas + 1 par de calças) entre espetáculos quando se façam mais de 2 apresentações

Engomagem de 2 panos crus da cenografia com aproximadamente 1,60m x 7m (engomagem vertical preferencial)



© Susana Paiva

## Rider Técnico

As necessidades técnicas descritas representam as condições ideais para a apresentação do espetáculo. Poderão ser feitas adaptações tendo em conta as especificidades de cada espaço, devendo estas ser negociadas entre o diretor técnico do Teatro/Festival e o diretor técnico do espetáculo.

### Palco

Bancada para público em 3 níveis, estrados a 80 cm de altura, estrados a 40 cm de altura e almofadas no chão (ver planta).

Dimensões mínimas:

Largura interior – 12 metros

Profundidade – 10 metros

Altura – 5 metros

O panejamento será definido consoante cada espaço (alemã, italiana ou sem panejamento)

### Cenografia

04 – Mesas redondas (+/- 1 metro de diâmetro)

04 – “Casulos” de rede (suspensos nas varas de luz ou panejamento)

02 – Telões em pano-cru com 1,60 metros de largura (altura variável)

Nota - estes telões são suspensos em diagonal e fixos à teia ou às varandas.

São necessárias 4 cordas (2 pendurais) para essa suspensão.

Vários adereços

## **Som – régie no palco**

- 01 – Leitor de CD's
- 01 – Mesa
- 02 – Colunas ao fundo de cena

## **Iluminação – régie no palco**

Para uma melhor adaptação do nosso trabalho, gostaríamos que nos enviassem plantas do espaço, com medidas e localização de varas de luz e cenário, bem como uma listagem dos vossos equipamentos.

Posteriormente enviaremos um desenho de luz e cenografia adaptado.

## **Lista Base**

- 01 – Mesa de Luz com memórias e chases
- 34 – Canais de dimer 2Kw DMX
- 11 – PC's 1Kw com palas (4 para luz de público – bancada)
- 14 – Recortes 25º/50º (6 com porta-gobo)
- 13 – Circuitos shucko para candeeiros e lâmpadas da companhia (6 necessitam de fantasma, carga em paralelo)

## **Cores**

- L021 – 5 recortes
- L101 – 6 recortes
- L200 – 3 PC's + 1 recorte
- L201 – 4 PC's
- L204 – 1 recorte

## **Montagens e operação de luz e som**

São necessários técnicos do teatro para a montagem e afinações de cenografia, luz e som.

São necessários 1 técnico de luz e 1 técnico de som durante os ensaios e o espetáculo.

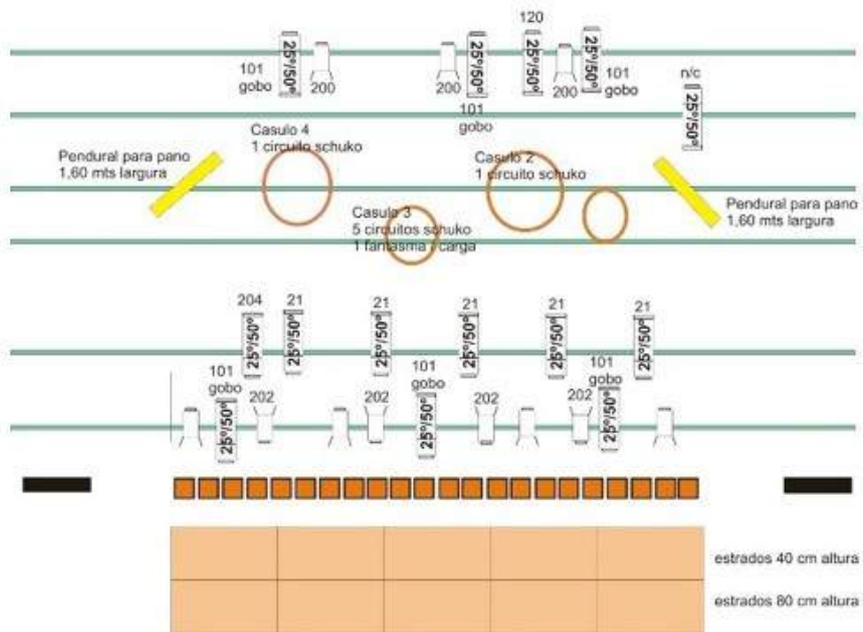
A operação do espetáculo é assegurada pela companhia.

## **Plano de trabalho – exemplo**

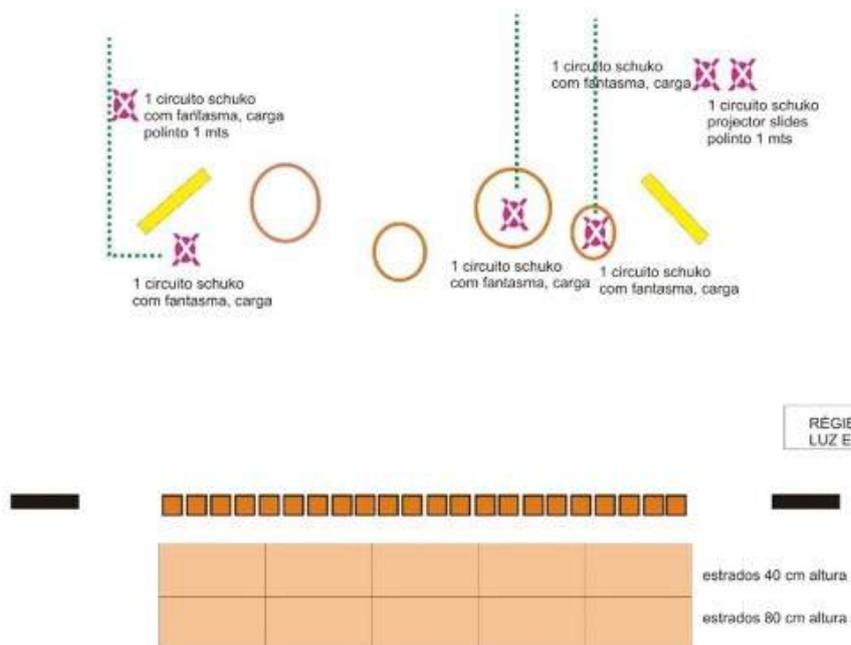
- Turno 1 – montagem de luz e cenografia
- Turno 2 – afinação e programação de luz, montagem de som
- Turno 3 – afinações técnicas e ensaios
- Turno 4 – espetáculo

Nota: se realizados 2 espetáculos no mesmo dia, o turno de ensaios deve ter lugar no dia anterior ao primeiro espetáculo.

## Varas



## Chão



RÉGIE  
LUZ E SOM

## Contacto Técnico

Pedro Machado  
+ 351 91 412 34 36  
pmachado15@hotmail.com





© Agathe Poupeney

## Quem Somos

A Formiga Atómica é uma companhia de teatro, fundada e dirigida por Miguel Fragata e Inês Barahona. As suas criações inscrevem-se em questões contemporâneas e destinam-se a todo o público. Os espetáculos da Formiga Atómica são habitualmente antecedidos por períodos de pesquisa motivados pela questão e/ou públicos que abordam. Entre as suas criações destacam-se “A Caminhada dos Elefantes” (2013), “The Wall” (2015), “A Visita Escocesa” (2016), “Do Bosque para o Mundo” (2016) e “Montanha-Russa” (2018).

A companhia circula regularmente pelo território português, mas também francês e belga, tendo concebido versões francesas de dois dos seus espetáculos, “La Marche des Éléphants” (2016) e “Au-Delà de la Forêt, Le Monde” (2017).

O próximo espetáculo de Formiga Atómica, “Montanha-Russa”, estreará a 9 de Março de 2018, no Teatro Nacional D. Maria II.

## Contactos

### Miguel Fragata

+ 351 914 611 220  
miguelfragata@  
formiga-atomica.com

### Inês Barahona

+ 351 963 106 604  
inesbarahona@  
formiga-atomica.com

### Produção

+ 351 910 074 029  
info@  
formiga-atomica.com

Formiga Atómica -  
Associação Cultural  
Rua Capitão-Mor  
Pedro Teixeira n. 1,  
5º esq  
1400-041 Lisboa

[www.formiga-atomica.com](http://www.formiga-atomica.com)

Facebook [formiga.atomica.ac](https://www.facebook.com/formiga.atomica.ac)

Instagram [formigaatomica.ac](https://www.instagram.com/formigaatomica.ac)

